

Concepção de infância, processo educativo e de alfabetização em João Amós Comênio

The concept of childhood, educational process and schooling in Jan Amos Komensky

João Luiz Gasparin*

* Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. Professor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – da mesma Universidade Estadual de Maringá, PR. E-mail: gasparin01@brturbo.com

Resumo

O presente artigo tem como finalidade explicitar a concepção de infância e o processo de educação e alfabetização propostos por Comênio. Para viabilizar esse objetivo, a questão investigativa foi assim elaborada: qual a concepção de infância que se encontra nas obras educacionais comenianas e qual o processo de educação e alfabetização nelas proposto para as crianças? A pesquisa se caracterizou como teórico-descritiva. Como resultado do estudo, ficou evidente que Comênio parte do pressuposto filosófico e teológico de que ao homem é possível e necessário ensinar tudo para que se torne verdadeiramente homem, caso contrário será meio-homem: cego, surdo e mudo. A educação é que torna o homem verdadeiro homem. Esta se fará, com muita facilidade, na primeira idade. O modelo da educação da criança é a natureza. Na infância, devem ser lançadas as sementes de toda a educação, pois somente é firme e estável aquilo de que se embebe na primeira idade.

Palavras-chave

Infância. Educação. Processo de alfabetização.

Abstract

The concept of childhood and the education and schooling process proposed by Komensky are analyzed and discussed. Current investigation deals with the following question: Which is the concept of childhood that occurs in Comenius's educational works and which is the education and schooling process suggested for children? The theoretical and descriptive research reveals that Comenius is imbued with the philosophical and theological presuppositions that everything should be taught to human beings so that they may become human; otherwise, they become blind, deaf and dumb beings. Education, which makes people human beings in the full sense of the word, may be accomplished with more ease during the first childhood. Nature is the educational model for children. The seeds of all education should be planted during childhood since that which is absorbed during the first years is firm and stable.

Key words

Childhood. Education. Schooling process.

1 Introdução

O presente artigo tem como finalidade apresentar alguns aspectos da obra comeniana que versam sobre a infância e seu processo de educação e alfabetização, no século XVII. Não tem, portanto, como objetivo estabelecer uma comparação entre as concepções comenianas e as atuais de infância e sua educação. O trabalho atém-se ao período predefinido.

Assim, para uma compreensão mais adequada do pensamento comeniano sobre o tema deste artigo, apresentamos, inicialmente, alguns dados biográficos do autor, situando-o no tempo e no espaço do século XVII, na antiga Boêmia. Em seguida, indicamos as obras principais que fundamentaram nossa pesquisa. Explicitamos, posteriormente, no corpo do texto, aspectos significativos de sua concepção de infância e dos encaminhamentos teórico-práticos de como as crianças deviam ser educadas e alfabetizadas.

2 Dados biográficos de Comênio¹

A obra de um pensador é sempre mais facilmente compreendida quando se tem presente o contexto geográfico,

social e histórico em que o autor viveu, pois o tempo e o espaço determinam, em boa medida, sua produção intelectual. A subjetividade, que apreende o real de forma peculiar, sofre a interferência do entorno. Os escritos expressam as características individuais, mas ao mesmo tempo traduzem o conteúdo histórico-social daquele período. Assim, ao apresentar alguns dados biográficos de Comênio, para melhor compreender seu pensamento, situamos o autor e sua obra no século XVII, na Europa.

João Amós Comênio nasceu em 28 de março de 1592, em Nivnice, na Morávia, região pertencente ao Reino da antiga Boêmia, hoje República Tcheca. Sua Família fazia parte do grupo religioso denominado Unidade dos Irmãos Boêmios, que seguia uma moral austera e tinha a Bíblia como base e regra de fé. Nas escolas da Congregação, o ensino era ministrado em língua vernácula, enquanto nas demais ainda predominava o ensino em língua latina. Em 1611, havendo concluído os estudos secundários em sua pátria e tendo em vista o ministério eclesiástico, Comênio foi enviado à Alemanha, onde se matriculou na Universidade Calvinista de Herborn, transferindo-se depois para a Universidade de Heidelberg, onde concluiu seus estudos. Em 1614, retornando à sua pátria, assumiu a função de professor na escola latina onde havia estudado antes de ingressar na Universidade. Tornou-se pastor da Unidade dos Irmãos e Reitor das escolas dos mesmos Irmãos. Mais tarde, foi elevado ao posto de Bispo e

¹ O Nome Comênio, nas obras e traduções, encontra-se escrito de diversas maneiras, tais como: Comênio, Komenski, Comenii, Comenius. A forma mais comum de citação é a latinizada Comenius. Neste trabalho, todavia, por ser mais adequada à nossa pronúncia, adotamos a grafia Comênio. Mas, ao nos referirmos ao autor, nas obras citadas, respeitamos a grafia da tradução.

Arcebispo, os cargos mais elevados da Congregação. Estava sempre atento ao ensino e à vida eclesiástica, sem descuidar dos acontecimentos políticos que afetavam seu povo. Participou de todas as vicissitudes políticas da Guerra do Trinta Anos, iniciada em 1618, bem como de todos os percalços religiosos entre protestantes e católicos, tornando-se um peregrino permanente, cuidando de sua comunidade religiosa. Para não abjurar sua fé protestante, ele e sua Congregação foram obrigados a exilar-se em Lezno, na Polônia, onde se uniram a um grupo mais antigo de Irmãos também exilados. Lá escreveu sua obra Mais conhecida *Didáctica Magna*. Desejava que essa obra fosse um instrumento de reconstrução das escolas e de sua pátria, quando a ela retornasse. Didáctica Magna expressa bem o momento de passagem gradativa do feudalismo ao capitalismo. Essa obra constitui-se de quatro partes: 1) os fundamentos teológicos e filosóficos da educação; 2) os princípios da didática geral; 3) a didática especial das letras, ciências, artes mecânicas, moral e piedade; 4) o plano orgânico dos estudos.

Outra obra que merece destaque, para compreender o seu autor como teólogo, filósofo, educador e reformador social, é a *Deliberação universal acerca da reforma das coisas humanas*, constituída de sete livros, dentre os quais ocupa o centro a *Pampaedia (Educação Universal)*. A *Deliberação* destaca o espírito universalista comeniano, constituindo-se uma exortação contínua à reforma

universal de todas as coisas humanas, que somente poderia ser levada a efeito pela *Educação Universal*.

A *Pampaedia* mostra que é necessário, possível e fácil educar todos os homens em todas as coisas, totalmente. Para isso se requerem, segundo o autor, escolas universais, livros universais e professores universais.

Para o presente estudo, é de capital importância também a obra *O Tirocínio*, na qual apresenta toda a sua proposta e processo de alfabetização.

Os ideais comenianos consistiam em reformar as escolas por meio da didática e realizar a transformação radical da sociedade tendo como instrumento básico a educação universal.

Comênio, após longa, agitada e fecunda existência, faleceu aos 15 de novembro de 1670.

3 Obras fundamentais sobre infância

Dentre as muitas obras comenianas sobre educação, destacamos, neste estudo, aquelas que mais diretamente tratam da infância, dos processos de sua educação e alfabetização, no século XVII.

A questão que nos desafiou a elaborar o presente artigo foi assim formulada: qual a concepção de infância que se encontra nas obras educacionais comenianas e qual o processo de educação e alfabetização nelas proposto para as crianças?

O objetivo consistiu em explicitar como os escritos comenianos retratam a criança no século XVII e qual a proposta

educacional e de alfabetização apresentada para essa faixa etária.

Para a elaboração deste artigo, elegemos, como fontes de investigação, entre suas obras educacionais, as que julgamos fundamentais para a educação universal e o processo escolar de ensino e aprendizagem, destacando os capítulos que versam especificamente sobre a infância. Assim, nosso estudo fundamenta-se nas três obras já, anteriormente, nominadas: *Didáctica Magna, Pampaedia*² e *Tirocinium*³. Da obra *Didáctica Magna* (1976), destacamos os capítulos: XXVII: “As instituições escolares devem ser de quatro graus, em conformidade com a idade e com o aproveitamento”; XXVIII: “Plano da escola materna”; XXIX: “Plano da escola de língua nacional”. Esses capítulos tratam da infância e dos conhecimentos a serem adquiridos nesse período de vida. Em *Pampaedia* (1971), o mesmo tema é abordado nos capítulos: VIII: “A escola da formação pré-natal”; IX: “A escola da infância: o regaço materno”; X: “A escola da puerícia”. *Artificii Legendi et Scribendi Tirocinium* (1970) (*O Tiro-*

cínio da leitura e da escrita) apresenta aspectos significativos sobre o mesmo tema – infância – mas, especificamente, sobre o processo da leitura e da escrita, ou seja, da alfabetização.

Essa obra, segundo Limiti (1970, p. 10), “É dedicada aos educadores da escola materna e da escola de língua materna, porque desde a idade pré-escolar as crianças, com a ajuda do giz e do carvão, como em um jogo, podem, conforme Comênio, aprender a traçar linhas, ângulos e cruces”.

Nessas três obras, além dos temas gerais da educação e da didática, estão expressas as concepções de criança, de infância, bem como os processos familiares e escolares para a educação e alfabetização dessa faixa etária. Ater-nos-emos, neste trabalho, aos aspectos da infância, sua educação e alfabetização em cada uma das obras, abordando seu pensamento, primeiro em *Didáctica Magna*, depois em *Pampaedia* e, por fim, no *Tirocínio*.

4 A infância e seu processo educativo

Comênio (1970, p. 20) parte do pressuposto de que ao homem é possível e necessário ensinar tudo: “O homem, imagem de Deus, nasce potencialmente capaz de tudo, mas se não for instruído, permanecerá rude e privado de qualquer habilidade”. Esse princípio teológico-filosófico constitui-se a base de todo o trabalho educativo de Comênio. A compreensão do pensamento comeniano exige que seja entendido na perspectiva

² Pampaedia, etimologicamente, significa educação universal.

³ O Termo latino *Tirocinium*, etimologicamente, significa “primeiro ensino”, “aprendizado”, “prática”; “atividade”; “exercício”, “estágio”. Dentre as diversas palavras pelas quais pode ser representado seu significado, no caso da alfabetização, julgamos que as melhores seriam “primeiro ensino”, ou “aprendizado”. Todavia, como existe a palavra *tirocínio* em português com os significados apontados, conservamos o termo *tirocínio*. A obra foi escrita em 1654.

da Teologia da Reforma e da filosofia da potência e ato.

Em Didáctica Magna, ao explicitar sua concepção de infância, afirma que o ser humano tem necessidade de ser formado para que se torne homem. Como “animal educável”, ele se tornará homem à medida que se educa. É inata no homem a aptidão para o saber, mas não o saber em si. Este deverá ser adquirido experimentalmente: “Ninguém acredite, portanto, que o homem pode verdadeiramente ser homem, a não ser aquele que aprendeu a agir como homem, isto é, aquele que foi formado naquelas virtudes que o fazem homem” (COMÊNIO, 1976, p. 120). O homem, portanto, a partir da inata aptidão para tornar-se homem, somente conseguirá seu intento pelo ensino, pela educação, pela cultura, pois viemos ao mundo como uma tábua rasa, sem nada saber. Assim, a todos os que nasceram homens é necessária a educação, para que se tornem verdadeiramente homens. Esta educação far-se-á com muita facilidade na primeira idade. É neste período de vida que a criança deve ser educada.

O modelo da educação da criança, Comênio vai buscá-lo junto à natureza, tendo como fundamento evidente que é semelhante à condição do homem e da árvore:

Efectivamente, da mesma maneira que uma árvore de fruto (uma macieira, uma pereira, uma figueira, uma videira) pode crescer por si e por sua própria virtude, mas, sendo brava,

produz frutos bravos, e para dar frutos bons e doces tem necessariamente de ser plantada, regada e podada por um agricultor perito, assim também o homem, por virtude própria, cresce com feições humanas (como também qualquer animal bruto cresce com as suas feições próprias) mas não pode crescer animal racional, sábio, honesto e piedoso, se primeiramente nele não se plantam os gérmenes da sabedoria, da honestidade e da piedade. (COMÊNIO, 1976, p. 127).

Como toda árvore, para que seja útil, deve ser cultivada, desde pequena, para que sirva a seu senhor, assim o ser humano para que se torne tal para si e para os outros é necessário que seja educado desde pequeno, isto é, na primeira idade. Comênio (1976) aponta as seguintes razões para que educação se inicie na infância: a incerteza de quanto tempo viveremos e que temos de nos preparar para o fim desde o início de nossa vida; deve começar-se a educação muito cedo, pois não se deve passar a vida a aprender, mas a fazer; todas as coisas, e também o homem, formam-se muito mais facilmente enquanto são tenros; os anos da infância e da juventude são os mais aptos para a formação, por isso têm longa duração; tudo o que se adquire na primeira idade torna-se firme e estável.

A educação das crianças incumbe primeiro aos pais, isto porque como foram os autores da vida, a eles também

competete a formação. Todavia, dada a dificuldade de muitos pais de educarem seus filhos, introduziu-se o costume de os confiarem aos professores para que os formassem. Nesse processo de educação, Comênio, em *Didáctica Magna*, afirma que as instituições escolares devem ser de quatro graus, conforme a idade e o aproveitamento das crianças e dos jovens. Em cada um dos graus deve ser definido um tempo para que, ao término, o educando tenha cumprido tudo o que é exigido em cada período, tomando por guia a natureza, cuja regularidade se estabelece em quatro estações. Dessa maneira, divide em quatro partes distintas o tempo de formação, cada uma com seis anos e uma correspondente escola peculiar:

- 1) regaço materno, ou seja, a escola da infância – a primavera
- 2) escola primária ou da língua vernácula, da puerícia – o verão
- 3) escola de latim ou ginásio, da adolescência – o outono
- 4) academia e as viagens, escola da juventude – o inverno (COMÊNIO, 1976).

Nessas escolas, os conhecimentos devem ser ministrados em graus crescentes, mas de uma forma específica assim expressa por Comênio (1976, p. 411): “Segundo as leis do método natural, as disciplinas não devem ser ensinadas separadamente, mas sempre todas em conjunto, da mesma forma que uma árvore cresce sempre toda em cada um de suas partes [...]”. Todavia,

em cada um dos graus, há distinções. Parte-se das coisas que serão ensinadas de modo geral e rudimentar, na escola materna, exercitando os sentidos externos, ascendendo para a particularidade e para os sentidos internos: “Com efeito, o verdadeiro método de formar adequadamente os espíritos consiste precisamente em que, primeiro, as coisas sejam apresentadas aos sentidos externos, aos quais impressionam imediatamente” (COMÊNIO, 1976, p. 412).

Ao tratar dos planos de ensino, em *Didáctica Magna*, Comênio refere-se, em primeiro lugar, ao plano da escola materna (de zero a seis anos). Nela, tomando a natureza como modelo, afirma que os ramos principais de uma árvore aparecem no tronco desde os primeiros anos. Depois apenas se desenvolvem. “Do mesmo modo, todas as coisas, em que queremos instruir um homem para utilidade de toda a vida, deverão ser-lhe plantadas logo nesta primeira escola” (COMÊNIO, 1976, p. 415). Partindo desse pressuposto, explicita o processo de ensino e aprendizagem na escola materna na qual deverão ser ensinados e aprendidos os conceitos gerais que servirão para toda a vida do ser humano:

Metafísica: alguma coisa, nada, existe, não existe, desta maneira, de outra maneira, onde, quando.

Ciências físicas: água, terra, ar, fogo, chuva, gelo, pedra, animal; nomes do próprio corpo, que são os fundamentos da ciência natural.

Ótica: luz, trevas, sombra, cores: branco, verde azul, preto, vermelho.

Astronomia: céu, sol, lua, estrelas e seus movimentos diários.

Geografia: monte, vale, campo, rio, aldeia, castelo, cidade.

Cronologia: hora, dia, semana, ano; primavera, verão, outono, inverno, ontem, amanhã, depois de amanhã.

História: recordar-se dos fatos acontecidos.

Aritmética: pouco, muito; contar até dez; notar que três são mais do que dois.

Geometria: grande, pequeno, largo e estreito, grosso e fino; entender o que é linha, cruz, círculo; medir as coisas com palmos, braçadas.

Estática: ver pesar as coisas com balança; pesar as coisas com a mão, para saber se são leves ou pesadas.

Artes mecânicas: transportar uma coisa de um lugar para outro; ordenar coisas; construir, destruir, unir, desunir.

Dialética: conversas se fazem por meio de perguntas e respostas.

Gramática: pronunciar corretamente a língua materna: letras, sílabas, palavras.

Retórica: O gesto deve corresponder às palavras; o tom de voz deve corresponder à qualidade da conversa; distinguir a entonação de uma pergunta e de uma resposta.

Poesia: ensino de pequenos poemas.

Música: Aprender salmos e hinos sagrados.

Economia doméstica: aprender os nomes dos membros da família; o nome das partes da casa; dos utensílios domésticos.

Política: As pessoas da cidade se reúnem na Câmara; existem senadores; presidente, secretário, reis, rainhas, príncipes.

Moral (ética): Deve receber fundamentos solidíssimos em: Temperança, limpeza, veneração, obediência, veracidade, justiça, caridade, trabalhos; aprender a falar e a manter silêncio; paciência, cortesia, urbanidade, religião e piedade. (COMÊNIO, 1976, p.415-423).

Estas são as metas e as tarefas da escola materna tratadas em *Didáctica Magna*.

Em outra obra, *Pampaedia*, ou seja, *Educação Universal*, Comênio volta a tratar dos níveis escolares. Nela, abrangendo a universalidade da vida, apresenta oito diferentes escolas: escola da formação pré-natal; escola da infância, escola da puerícia; escola da adolescência; escola da juventude; escola da idade adulta; escola da velhice e escola da morte.

Considera, assim, que toda a vida deve ser abrangida pela escola.

Partindo do pressuposto de que os pontos principais da felicidade humana consistem em nascer bem, viver bem e morrer bem, inicia suas orientações aos pais sobre o primeiro ponto: nascer bem – a escola pré-natal.

Os cuidados com os filhos devem iniciar-se antes que eles nasçam, antes mesmo da concepção, seguindo o modelo da natureza, na qual, para semear preparam-se, primeiro, o terreno e a semente; depois da semeadura tomam-se todos os cuidados para que as ervas daninhas não prejudiquem o crescimento da nova planta.

A escola do regaço materno terá, portanto três classes:

I. Na primeira dessas classes, ter-se-á cuidado com a futura prole à distância, preparando-se para contrair matrimônio com prudência, com honestidade e com piedade; II. A segunda classe começa com a realização do matrimônio e quando a esperança da prole está já mais próxima; III. A terceira classe ocupa-se da prole já concebida, até o nascimento. (COMÊNIO, 1971, p. 190).

A preocupação comeniana com a educação da criança se inicia, portanto, bem antes do nascimento. Mas, de fato, a ação educativa direta dos pais sobre a criança inicia-se com seu nascimento porque “a criancinha (*infans*) é um homem acabado de nascer, que entrou no mundo há pouco, inculto (*rudis*) em todas as coisas e que deve, por isso ser educado (*erudiendus*) em todas as coisas” (COMÊNIO, 1971, p. 195). O homem rude é a matéria e o objeto de todas as escolas; o homem a ser educado é a finalidade da educação e de toda a atividade escolar. Dessa forma, o trabalho

da escola consiste em fazer passar o ser humano inculto para um novo ser humano culto: “Numa palavra, o homem verdadeiramente culto é aquele que, como viva imagem de Deus, apreende com a inteligência todas as coisas, exprime com a palavra todas as coisas, demonstra com factos todas as coisas, na medida em que isso é possível a uma natureza finita” (COMÊNIO, 1971, p. 196). As sementes e os fundamentos dessa educação, portanto, devem ser lançados na infância, pois uma reforma universal de todas as coisas depende da primeira educação. Como nas sementes está toda a essência das plantas, assim na infância as faculdades estão latentes, por isso encerram maiores possibilidades educativas do que no resto dos estudos e da vida. “A infância é a primavera da vida, durante a qual não deve descurar-se a ocasião de preparar o pequeno campo do espírito” (COMÊNIO, 1971, p. 199), no qual devem ser semeadas, desde o início, as sementes de uma vida digna, caso contrário, os vícios da primeira educação acompanharão o homem durante todo o tempo de sua existência.

O homem tem necessidade de uma vigilante educação desde a primeira infância. Essa educação incumbe aos pais, pois os filhos são carne de sua carne, sangue do seu sangue, espírito de seu espírito: “Em suma, importa admitir que é naturalíssimo que os filhos tenham como primeiros educadores aqueles que tiveram como pais, e aqueles que foram autores de sua vida sejam também para eles autores de uma vida honesta,

santa e feliz” (COMÊNIO, 1971, p. 202). Seguem-se depois os pedagogos, os preceptores, educadores, professores que suprem tudo o que os pais não puderem dar a seus filhos. Todavia tanto pais quanto professores devem estar atentos para que não se percam as primeiras ocasiões da educação, pois torna-se evidente “[...] com o exemplo de todas as coisas, que só é firme e estável aquilo de que se embebe a primeira idade, [...] de modo que as primeiras impressões agarram-se profundamente nele (o homem) e não permitem ser removidas pelas que vêm depois”. Isto Comênio (1971, p. 205) afirma porque parte do princípio de que “[...] as crianças sabem em potência todas as coisas; em acto, apenas aquelas que aprenderam”. Na verdade, sua potência é indefinida e aberta para todas as possibilidades. Com base nela, Platão emitiu a opinião do eterno retorno do mundo e disse que “aprender é recordar”. Aqui firma-se o princípio de que algo que é repetido e incutido na infância (o hábito) transforma-se em natureza. A primeira idade é o momento da sementeira, as demais idades são os momentos da colheita. O que o homem semear no início de sua vida, isso ele colherá mais tarde.

No processo de formação da criança, Comênio (1971, p. 210) mostra que são seis as classes da educação infantil:

- I. A classe puerperal, até a idade de um mês e meio.
- II. A classe do aleitamento, até a idade de um ano e meio.
- III. A classe dos balbucios e dos primeiros passos.

- IV. A classe da linguagem e da percepção sensível.
- V. A classe dos bons costumes e da piedade.
- VI. A primeira escola colectiva, ou seja, a classe das primeiras letras.

Ao tratar dessas seis classes de educação das crianças, Comênio, (1971, p. 217) volta a afirmar que “[...] no homem, as raízes de todas as coisas e de todas as acções lançam-se na primeira infância. Tudo o que se faz a seguir é o efeito de um processo de desenvolvimento”. Nesse caso, o que vale são os bons exemplos dos mestres, porque ensinar é guiar, partindo do pressuposto de que o guia vai à frente indicando o caminho correto: “Os bons exemplos devem ser dados sem dar na vista, para que as crianças não tenham a impressão de que os adultos querem intencionalmente guiá-las, mas julguem que tudo acontece com a maior naturalidade” (COMÊNIO, 1971, p. 218).

Complementando a fase da educação infantil, Comênio passa para a escola da puerícia, que trata da sábia e vigilante formação da juventude, dos seis aos doze anos.

Nessa escola, como na anterior, continua afirmando que “[...] em todos os domínios, todas as coisas que precedem determinam as que se seguem e põem-lhe o fundamento” (COMÊNIO, 1971, p. 229). Por isso é de grande importância que cuidemos dos fundamentos, porque tudo o que as crianças ouvem, fazem, veem, tratam nessa fase

da vida se torna a base sobre a qual se assentarão as demais escolas.

Para tratar da escola da puerícia, Comênio (1971, p. 229-230) inicia com a explicitação de um conceito de criança:

As crianças (*pueri*) são homens de tenra idade destinadas a suceder àqueles de que agora é constituído o mundo (o Estado, a Igreja e a Escola).

São homens? Logo, devem ser educadas para a plenitude humana.

São crianças? Logo, devem ser tratadas como crianças, isto é, segundo a capacidade de compreensão própria de sua idade. São homens de amanhã? Logo, para que realmente o venham a ser, sejam instruídas naquelas coisas que poderão vir a ser úteis aos homens.

O processo de educar as crianças deve ser gradual, segundo as etapas de sua idade, empregando o tempo da puerícia em trabalhos leves, mas que sejam prenúncio dos trabalhos mais pesados e sérios. Mesmo as coisas leves devem ser feitas com seriedade, pois as crianças são capazes disso, ainda que seja à sua maneira. Para esse trabalho, são necessários professores dedicados e engenhosos: “Portanto, o professor da escola primária deve ser mais sabedor que os outros e ser remunerado com um salário maior em relação aos outros” (COMÊNIO, 1971, p. 231). Esta escola tem como objetivo e fim possibilitar que o educando imprima agilidade ao corpo,

aos sentidos e ao espírito, isto porque “[...] as coisas que são aprendidas quando se é criança, não só são assimiladas mais rapidamente, mas também mais perfeitamente” (COMÊNIO, 1971, p. 231).

A escola da puerícia é também chamada de escola da língua nacional para a qual todos devem ser enviados, tanto meninos quanto meninas: “O objectivo e a meta da escola de língua nacional é ensinar a toda a juventude, dos seis aos doze (ou treze) anos de idade aquelas coisas que lhe serão úteis durante toda a vida” (COMÊNIO, 1976, p. 427-428). Destacam-se entre essas coisas: ler correntemente; escrever caligraficamente, rapidamente, em conformidade com as regras gramaticais da língua vernácula; contar, medir, cantar; aprender de cor salmos e hinos sagrados; saber de cor o catecismo, as principais histórias e máximas das Sagradas Escrituras; aprender e pôr em prática os ensinamentos morais; aprender acerca das condições econômicas e políticas; aprender a história geral do mundo; aprender as coisas principais da cosmografia e das artes mecânicas (COMÊNIO, 1976).

Para atingir os objetivos propostos, para essa escola, Comênio (1971, p. 232-233) apresenta seis classes cada uma com seu programa e seu respectivo livrinho:

- I. Estreia das letras.
- II. O mundo em imagens
- III. Ética das crianças, inferida das coisas sensíveis e da análise da natureza humana.

- IV. Um compêndio das Histórias Bíblicas.
- V. Uma síntese das doutrinas essenciais da Bíblia.
- VI. Uma coleção de adivinhas (enigmas) para crianças.

Os livros propostos devem ser universais, escritos em língua nacional, contendo toda a matéria de cada classe quanto à instrução, à moral e à piedade; metódicos, fazendo avançar a inteligência de grau em grau; ornados com figuras. O método a ser seguido deve ser agradável, de modo que todas as coisas se façam como num jogo, no qual tudo seja posto diante dos olhos.

A matéria dos livros das várias classes é a mesma, o que muda é a forma:

Portanto, em conformidade com o número de classes, estes livros serão seis, diferentes entre si, não tanto pelas matérias tratadas, como pela forma. Com efeito, todos tratarão de todas as coisas; mas o primeiro apresentará os aspectos mais gerais, mais conhecidos, mais fáceis; o seguinte promoverá a inteligência de aspectos mais especiais, mais desconhecidos e mais difíceis ou oferecerá um modo novo de considerar as mesmas coisas, para fazer saborear novas delícias aos espíritos, como dentro em breve se mostrará. (COMÊNIO, 1976, p. 430).

Nesses livros, tudo seja adaptado aos espíritos infantis, que, por natureza, são inclinados às coisas agradáveis, jo-

cosas, lúdicas. Todavia deve-se sempre misturar o útil ao agradável.

Os livros da escola da puerícia, em cada classe, devem ter nomes suaves, agradáveis que encantem as crianças. Esses nomes são tirados da jardinagem, pois a escola se compara a um jardim.

Aconselha Comênio (1976) que se dediquem aos estudos dos conteúdos desses livros e das demais atividades da escola, quatro horas por dia: duas de manhã, quando serão cultivadas a inteligência e a memória; duas à tarde, para exercitar as mãos e a voz. Os livros, exprimindo elegantemente todo o conteúdo a ser trabalhado, foram assim denominados por Comênio (1971):

Primeira classe – *plantarium* – cantinho – contendo o alfabeto, o silabário, o vocabulário, os números e pequenas preces. Esta classe terá três turmas: dos principiantes, isto é, dos que soletram; dos adiantados, que já leem; dos mais adiantados, ou seja, dos que já escrevem.

Segunda classe – *seminarium* – viveiro – no qual já esteja presente um resumo de todas as coisas, isto é, da pansofia (sabedoria universal). Mesmo sem grande profundidade, esta classe deve trazer uma análise de tudo o que se deve saber: de todo o mundo, de toda a alma; de toda a Sagrada Escritura.

Terceira classe – *violarium* – campo de violetas – um resumo mais amplo e rico do conteúdo. Este livro deve apresentar às crianças a ética, inferida das coisas sensíveis, especialmente da

natureza, como da água, do sol, da árvore, do cão, da floresta, da rosa; “Eis, como é possível tirar, de todo o gênero de criaturas, infinitos exemplos e aplicá-los às ações humanas, com grande proveito para as crianças” (COMÊNIO, 1971, p. 240). Nesta fase escolar, as crianças devem habituar-se a observar, a falar e a fazer tudo o que é bom para a vida presente e futura, tendo sempre em vista a felicidade eterna.

Quarta classe - *rosarium* – roseiral – análise do mundo da natureza, juntamente com a prática. Nesta classe, seja dada uma primeira explicação detalhada da Revelação Divina: Deus é o poder eterno; o homem é a imagem de Deus. O mundo é o domicílio, o refeitório e a escola do homem; a Sagrada Escritura é o livro de Deus; os Profetas foram homens de Deus; os Apóstolos foram homens de Deus.

Quinta classe – *viridarium* – vergel, parque – Esta classe é o lugar apropriado para ensinar os pontos essenciais da doutrina bíblica, preparando os alunos para a piedade: “Acima de tudo, as crianças devem ser advertidas de que o olhar de Deus está sempre voltado para elas e para suas ações [...]” (COMÊNIO, 1971, p. 246).

Sexta classe – *paradisus* – jardim – Esta classe ocupa-se principalmente com as adivinhas, enigmas de tema religioso e moral, das fábulas e parábolas, adaptadas a esta idade.

Em todas as classes da Escola da Puerícia, devem ser feitos muitos exercícios, mas cuide-se para que não passem

além dos sentidos. Nessa direção devem ser feitos exercícios de escrita: “Logo que cheguem à escrita, as crianças deverão ser exercitadas na *caligrafia*, no I e no II anos; na *taquigrafia* (escrita rápida), no III e IV anos; e na *ortografia*, no V e VI anos” (COMÊNIO, 1971, p. 255).

Além das especificidades próprias de cada escola, propõe Comênio uma regra geral para todas elas:

Na Escola da Puerícia deve dar-se uma cultura geral, sem ter em consideração aquele que é nobre e aquele que é plebeu, e aquele que virá a ser artesão, comerciante, agricultor, sacerdote ou leigo, pois a escola é feita para ensinar coisas que serão úteis a todos, do mesmo modo que, no útero materno, são formados todos os membros de todos os homens. (COMÊNIO, 1971, p. 259).

Recomenda Comênio que para despertar nas crianças o desejo de aprender deve utilizar-se a forma dialógica. Esse procedimento possibilitará que as crianças se interessem mais para fazer a experiência de todas as coisas, porque “aquele que quer ser homem inteiro, e não apenas um bocado de homem, cultive-se todo, percorrendo todo o campo das coisas” (COMÊNIO, 1971, p. 261).

5 O tirocínio da leitura e da escrita

Completando os dados sobre infância extraídos de *Didáctica Magna* e *Pampaedia*, uma outra obra comeniana

que merece destaque, ao tratar da educação da infância, é *Artificii Legendi et Scribendi Tirocinium* – “O Tirocínio da leitura e da escrita”. Esse livro, que tanto se refere à escola materna, quanto à escola de língua vernácula, apresenta a proposta de Comênio de como deve ser conduzida a experiência de aquisição da leitura e da escrita.

Limiti (1970, p. 13) observa:

No que respeita em particular à aprendizagem da leitura, por exemplo, Comênio considerava uma inútil tortura obrigar a silabar as palavras segundo o uso das escolas de seu tempo. Ele exigia que as palavras fossem pronunciadas por inteiro, uma depois da outra, mesmo que para facilitar os principiantes as escrevesse separando as sílabas por meio de tracinhos.

No Tirocínio, Comênio, como nas demais obras pedagógicas, demonstra um grande respeito pelo processo de amadurecimento físico e intelectual da criança. Nesse sentido, volta sempre ao modelo da natureza que procede gradualmente sem pressa, mas de forma constante. Assim, o conhecimento anterior é sempre o ponto de partida para o novo conhecimento, mais amplo, mais profundo.

Inicia o Tirocínio afirmando:

Ao homem é necessário aprender todas as coisas, por conseguinte, também a ler e a escrever. E precisamente na primeira idade. O homem, imagem de

Deus, nasce potencialmente capaz de tudo, mas se não é instruído, permanece rude e privado de qualquer habilidade. Primeiro e perpétuo fundamento da instrução é *a arte de ler e escrever*.⁴ (COMENIUS, 1970, p. 20, grifo do autor).

Quando se deve começar a aprendizagem das letras? Conforme Comênio (1970) depende da inteligência de cada criança. Assim, pode-se iniciar a criança na leitura e na escrita, para os mais precoces, a partir dos cinco anos de idade. Para os demais, a partir do sétimo ou oitavo ano.

Nota-se o conhecimento de Comênio sobre a infância e o respeito que tem por ela tanto em relação a seu desenvolvimento físico quanto mental. Tomando como modelo a natureza, que pode ser moldada quando tenra, a aprendizagem da leitura e da escrita devem ser aprendidas desde a primeira idade “[...] quando a faculdade imaginativa é dúctil e a mão é hábil a reproduzir qualquer coisa” (COMENIUS, 1970, p. 20).

A tarefa de ensinar as primeiras letras pode ser realizada por mestres públicos, ou privados; pelos pais; irmãos, irmãs ou criados, contanto que saibam ler e escrever. Todos eles, para realizar esse trabalho, devem conhecer três coisas: a finalidade da atividade; os recursos e a maneira de usar esses meios a fim de

⁴ Todas as citações literais referentes ao Tirocínio são traduções do autor deste artigo.

alcançar os objetivos, com segurança, facilidade e rapidez. Os meios para isso são: o livro de leitura; uma tabuinha de madeira e giz; depois, cadernos com tinta e pena.

Em relação à tabuinha para escrever, observa Comênio que

[...] é feliz a ideia de Quintiliano de entalhar em sulcos profundos os traços das letras sobre a tabuinha, a fim de que o principiante, conduzindo o giz sobre estes sulcos, aprenda a não afastar-se, até que saiba também à mão livre imitar e traçar sinais semelhantes. Conta-se, de fato, que com este método também um cego aprendeu a escrever. (COMENIUS, 1970, p. 23).

Considerando que as tabuinhas sulcadas nem sempre são fáceis de serem conseguidas, pode-se, segundo Comênio, pintar de vermelho, de forma indelével, as letras sobre tabuinhas pretas. Os principiantes passarão os traços com giz branco sobre elas, o que permite certa liberdade à mão dos aprendizes. Comênio propõe, na aquisição da escrita, uma diretriz sem desvios, pela imitação, obedecendo ao entalhe das letras, mas, ao mesmo tempo, respeitando a liberdade da criança, reconhece a necessidade de movimento livre das mãos do aprendiz.

Anunciados os instrumentos que serão utilizados no processo de leitura e de escrita, passa Comênio a explicitar o método de ensino, ou seja, a maneira

de usar devidamente esses meios, a fim de que o trabalho do mestre se realize de forma rápida, agradável e com evidente sucesso.

Inicia sua exposição apontando o caminho a seguir no processo de ensino e aprendizagem do ler e do escrever:

O primeiro problema é estabelecer o *ponto de partida do tirocínio alfabético: deve-se iniciar pelo reconhecimento das letras ou pela sua escrita?* Respondo: o escrever, por sua natureza, precede o ler, como o falar e o escutar (não se pode, de fato, ler aquilo que não está escrito ou ouvir aquilo que ninguém disse). Mas se podem aprender as duas coisas conjuntamente, como se aprendem ao mesmo tempo o *falar* e o *escutar*, o *mostrar* e o *observar*, o *dar* e o *receber*. Mas porque a teoria precede a prática, os alunos aprendem primeiro a distinguir, a conhecer e a nominar as letras, e somente depois a escrevê-las. (COMENIUS, 1970, p. 25-26, grifos do autor).

A lógica do ensino e da aprendizagem desenvolve-se da teoria para a prática, ou seja, parte-se do pressuposto que a apreensão da teoria é a base, a garantia da prática. Em seguida, porém, Comênio afirma que as duas coisas podem ser aprendidas ao mesmo tempo, mas, no momento seguinte, reafirma a primazia da teoria, reconhecendo que primeiro os alunos aprendem o nome das letras e só depois passam a escrevê-las. Mas,

mesmo conhecendo as letras, não será difícil para criança a tentativa de escrever? Comênio responde que não, pois ela sente alegria ao desenhar. Escrever será para ela um jogo⁵, se soubermos tratá-la como criança. Como se fará isso? Comênio (1970) responde que isso poderá ser realizado tratando a criança com doçura; com palavras atrativas, com gestos e pequenos agrados; iniciando sempre pelo exemplo e solicitando imitação; concedendo, a cada quarto de hora ou a cada meia hora, um pequeno repouso ou um jogo. Além disso, com quais outros meios? Responde Comênio:

Não iniciaremos pelas letras, mas por elementos mais simples. De verdade? E quais podem ser esses elementos? Respondo: *pontos, linhas, ganchos, cruces, círculos*, [...], pois cada letra é composta destes elementos, no que concerne à forma; as crianças aprenderão mais facilmente estas formas simples e, em seguida, com mais precisão reproduzirão as formas compostas. (COMENIUS, 1970, p. 27, grifos do autor).

⁵ O termo “Escola” em latim pode ser representado por duas palavras: “Schola”, que significa escola, lição, curso e “Ludus”, cujo significado primeiro é jogo, divertimento, passatempo, mas também é uma forma de dizer escola, aula. Por isso Comênio, em atenção à criança, usa o termo “jogo”, porque entende que a escola deve ser agradável aos alunos.

Para que a criança possa desenhar esses elementos com giz, é necessário, em primeiro lugar, que seja ensinada e tenha aprendido como segurar o giz com a mão, seguindo o exemplo do professor, que lhe mostrará como se deve prendê-lo. Em seguida, permitir-se-á “[...] que trace livremente todos os sinais que desejar, mesmo ao acaso: para cima, para baixo, lateralmente ou em espiral; o importante é que se habitue a controlar o giz e a mão” (COMENIUS, 1970, p. 27-28). Novamente Comênio mostra a necessidade da liberdade de expressão dos alunos. É necessário o exemplo do mestre, mas permite-se a livre manifestação e o exercício físico da motricidade. Inicialmente, esse exercício será realizado na lousa comum presa à parede. Os alunos irão um após o outro ao quadro para exercitar-se. Não há necessidade que todos façam esse exercício público, uma vez que, visto o exercício feito por alguns alunos, os demais o realizarão no seu banco e no seu caderno. Nesse caso: “O mestre circulará e observará como cada um procede: se fizer bem, elogiará; entretanto, mostrará o erro e ensinará como corrigi-lo a fim de que a incorreção não se torne hábito” (COMENIUS, 1970, p.28). Depois de um tempo (uma hora, ou meia), o professor fará observações comuns, elogiando os diligentes, mostrando os erros dos outros e sua correção para que todos vejam e ouçam, a fim de que o erro corrigido de um possibilite a todos aprenderem a não cair no mesmo. Os erros e acertos

de uns e de outros tornam-se processos individuais e coletivos de aprendizagem.

Afirma Comênio que este é o método permanente:

É necessário proceder assim em cada hora de lição? O procedimento mais simples mais seguro e para o progresso cotidiano mais profícuo é fazer sempre assim. Assim, pois, se faça.

Mas mostremos, mais especificamente, como devem ser conduzidos os alunos, aos poucos e com doçura, do mais simples ao mais complexo, a fim de que antes do final do ano sejam capazes de ler e escrever corretamente. (COMENIUS, 1970, p. 30, grifos do autor).

A essência do método comeniano de alfabetização consiste em progredir do mais simples ao mais complexo, por meio de oito passos sucessivos em graus de complexidade: 1) Primeiramente se estimularão os alunos a amar a arte do ler e do escrever, só depois se passe a suas mãos o livro dos primeiros elementos, como um extraordinário dom de Deus. 2) Depois, mostrar-se-ão os elementos das letras: os pontos, as linhas, os ganchos, as cruces, círculos e suas diferenças, seus nomes e a cópia deles imitando a escrita do professor, de forma lenta e com precisão, repetindo muitas vezes. 3) O professor ensinará a escrever, reconhecer e nominar as letras, uma ou duas por dia, primeiro as grandes ou maiúsculas, em seguida as pequenas e cursivas; primeiro as letras verticais depois

as cursivas, porque as primeiras são mais fáceis do que as segundas, pronunciando continuamente aquilo que se escreve, repetindo sempre. 4) Escrever-se-á o abc segundo a ordem das letras, escrevendo e lendo até que o abecedário seja impresso na memória. 5) Compor-se-ão, inicialmente, sílabas simples, para soletração, depois, progressivamente, sílabas compostas, mais complexas, sem a separação por tracinhos, mas fazendo sentir a separação pela pronúncia. 6) Ler-se-ão as palavras inteiras, passando das letras e sílabas para o vocabulário, iniciando a verdadeira leitura. 7) Ler-se-ão proposições/orações por inteiro, não separando as sílabas, mas somente as palavras. Este é o momento de depor o giz e a tabuinha e passar a usar tinta e caderno para que os alunos possam guardar como um tesouro as proposições e tudo mais que aprenderam transcrevendo-os, imediatamente, de próprio punho. 8) Colocar-se-á o acento sobre os fundamentos da religião, todavia não há nenhuma prescrição específica quanto à escrita e leitura dos aspectos religiosos (COMÊNIO, 1970).

Em todos os passos da aquisição da leitura e da escrita exercitar-se-ão, ao mesmo tempo, a língua, a mão e a memória.

Para completar o Tirocínio da leitura e da escrita, Comênio (1970) mostra, em primeiro lugar, de forma prática, o processo de aprendizagem do alfabeto apresentando tabelas com pontos, linhas e figuras; em seguida, as letras do alfabeto em seus diversos formatos; depois, as

sílabas para soletração. Quanto à aprendizagem da leitura, apresenta uma série de palavras rimadas, sentenças morais e exercícios de devoção.

Para a aprendizagem da expressão desenvolve três diálogos entre o mestre e seu discípulo.

No primeiro diálogo, busca mostrar a seu aluno a utilidade da arte do ler e do escrever, evidenciando por que esse dom deve ser exaltado acima de tudo:

- Mestre: Qualquer coisa boa que tenhamos, tudo é dom de Deus; mas este dom, *a arte de ler e de escrever*, devemos justamente exaltá-lo acima de qualquer outro:

- Discípulo: Por quê?

- Mestre: Porque esta arte é maravilhosa, bela e agradável, útil e necessária.

- Discípulo: Por que dizes que é *maravilhosa*?

- Mestre: E não é maravilhoso que possamos converter em signos os nossos pensamentos? E que as palavras possam encarnar-se na matéria para não perder-se como sopro de vento? E que fixadas assim no papel, enviando-as a lugares distantes, conservando-as nas bibliotecas, se possa falar aos ausentes e aos pósteros? Isto não lhe parece maravilhoso?
[...]

- Discípulo: com certeza é maravilhoso.

- Mestre: E é coisa que enche de alegria poder falar não só com a língua, mas com as

mãos, e perceber o discurso não só com o ouvido, mas com a vista e poder comunicar tudo aquilo que nos agrada não só aos presentes, mas também aos ausentes!

- Discípulo: Reconheço que é lindo, *mas é também necessário*?

- Mestre: Por que esta dúvida? [...] a vida humana é breve e difícil; infinito é o número das coisas que devemos aprender: se não fossem escritas em sua maior parte, seríamos *cegos, surdos e mudos*. (COMENIUS, 1970, p. 55-57, grifos do autor).

Mudos, no sentido comeniano, são os que não conseguem expressar os próprios pensamentos para outra pessoa. Surdos são os que não entendem é que é dito, mesmo estando presentes. Cegos são chamados todos os que, mesmo estando na luz, não percebem, com os olhos, nada do que existe a seu redor. Para alguém que não sabe ler, tanto faz um livro no qual nada esteja escrito, ou um cuja leitura seja muito complexa, ou mesmo um livro cheio de sabedoria. Pergunta-lhe o que está vendo. Confirmará que não há diferença significativa entre os três livros.

No segundo diálogo, Comênio mostra como continuar no exercício do ler e do escrever, exortando a não cessar jamais de cultivar essa arte, por três razões: para, por meio da repetição, não desaprender essa arte; aumentar, novamente pela repetição, a perícia e, por fim, para colher os frutos dessa arte,

ou seja, que sua aprendizagem seja útil, isto é, posta em prática.

No terceiro diálogo, trata do desenvolvimento dos estudos e escolas superiores mostrando a diferença entre ser erudito e ser sábio. Considerando a dificuldade que o discípulo apresenta em compreender tal assunto, Comênio tenta ser mais claro:

- Mestre: Então, escute, vou dizer-te outra vez. *Sábio é aquele que cuida, em primeiro lugar, do seu fim último* (isto é, das coisas eternas) *e aquele que ainda nesta vida é apto a qualquer tarefa que lhe seja atribuída.*

- Discípulo: E quem é chamado erudito?

- Mestre: *Erudito é chamado aquele que viu, leu e aprendeu muito*, e por isso sabe falar e ler, ainda, no caso, que não seja capaz ou descuide de realizar ações úteis para uma e outra vida. (COMENIUS, 1970, p. 74-75, grifos do autor).

Depois deste diálogo, conclui Comênio que o ideal, frequentando a escola, que é uma oficina de homens, cada um se torne erudito e sábio. Para isso, incentiva seu discípulo a que frequente a escola superior, onde aprenderá, acima de tudo, a ser sábio, isto é, a distinguir o verdadeiro do falso, o bem do mal; a agir, quer dizer, a fazer o bem que aprendeu e a evitar o mal; e a falar: comunicar aos outros os próprios pensamentos e também os dos outros.

Comênio, por sua lógica, indo do mais simples ao mais complexo, vivencia todo o processo pedagógico da aprendizagem da leitura e da escrita desde as formas mais simples de reconhecer e escrever as letras do alfabeto, até o mais elevado grau de ensino, o superior, onde o ler, o escrever e o falar assumem uma dimensão de conhecimento profundo e de sabedoria.

6 Conclusão

Em todos os momentos, a mensagem de Comênio é de alcance universal, mas partindo sempre do particular, do singular, unindo o sensível e o intelectual. Assim, tem como um de seus princípios oferecer à criança, primeiro a coisa em si e depois o seu nome. Dessa forma, afirma ele, dê-se à criança o objeto, ou no caso da impossibilidade de oferecer-lhe a coisa, apresente-se a imagem dela, como fez em sua obra “O mundo sensível ilustrado” (*Orbis sensualium pictus*) publicado em 1685. Depois de visto, tocado, manuseado o objeto, diga-se nome dele; faça-se a explicação, o discurso sobre ele. Parte sempre do real empírico que impressiona os sentidos, daquilo que já conhece para apresentar-lhe depois os conhecimentos novos.

Em todos os momentos, ao tratar da formação das crianças, Comênio faz analogia entre a educação e cultivo das plantas, concebendo uma teoria humanista e espiritualista na formação do homem, realizando o processo de aprendizagem a partir da experiência, da

observação, sem punição; com diálogo, buscando formar o homem religioso, em primeiro lugar, mas também o homem social, político, racional, afetivo, moral, erudito e sábio.

Em seu processo de ensino e aprendizagem, parte sempre dos sentidos que apreendem a sensorialidade dos objetos pela experiência, internalizando, posteriormente, as impressões que serão interpretadas pela razão.

Em todas as obras que tratam do processo educativo, Comênio parte sempre de um princípio básico: o homem é um animal educável. Por isso, é possível e necessário que tudo seja ensinado e aprendido para que esse animal se torne verdadeiramente homem. O processo se inicia pela educação da infância, porque tudo o que se aprende nessa idade torna-se firme e estável, tendo como modelo a natureza que é perfeita, que é imitada pelos artesãos, que se tornam o modelo dos educadores.

A proposta de reforma universal de todas as coisas inicia-se pela educação da criança, passando do nível escolar para a educação universal, além da sala de aula. A educação primeira cabe aos pais, depois aos professores, pedagogos, preceptores.

Em respeito à criança, que sempre deve ser tratada como criança, Comênio elaborou obras para sua educação cujos nomes remetem à natureza como modelo: Canteiro; Viveiro; Campo de Violetas; Roseiral; Parque; Jardim.

A partir da concepção de criança e da educação que ela deve receber, Comênio dedicou-se a explicitar, passo a passo, o processo de alfabetização, sempre caminhando do fácil para o difícil.

Esse processo inicia-se pelos elementos mais simples, anteriores à aprendizagem da leitura e da escrita, tais como linhas, curvas, círculos, cruces. Passa, em seguida, às letras, depois às sílabas; à soletração; à leitura corrente; à expressão. Em cada um desses momentos, devem estar presentes a língua, a mão e a memória, isto é, a totalidade da pessoa, assim como cada árvore se desenvolve ao mesmo tempo, toda por inteiro. A alfabetização é uma exigência para que cada um se torne humano, pois quem não sabe ler e escrever é cego, surdo e mudo.

Conforme a metodologia comeniana de expressar o processo educativo, que se move do simples ao complexo, do próximo ao remoto, do objeto ao discurso sobre ele, o mesmo ocorre com a alfabetização que culmina com o ensino superior, ápice da formação humana, onde devem aparecer o erudito e o sábio.

A concepção comeniana de infância, a proposta de educação que apresenta para ela e o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, são, por um lado, uma apreensão coerente de seu tempo e, por outro, uma resposta social e educacional necessária para aquele momento histórico.

Referências

COMÊNIO, João Amós. *Didáctica magna*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

_____. *Pampaedia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971.

COMENIUS, J. A. *Il tirocinio del leggere e dello scrivere*. Roma: Armando Armando Editore, 1970.

_____. *Orbis sensualium pictus*. Praga, 1979. Fac-simile da edição de 1685.

LIMITI, Giuliana. Introduzione. In: COMENIUS, J.A. *Il tirocinio del leggere e dello scrivere*. Roma: Armando Armando Editore, 1970.

Recebido em abril de 2015

Aprovado para publicação em agosto de 2015